

*Lo femenino, entre centro y ausencia,*  
de Miquel Bassols

Olivos: Grama Ediciones, 2017. 212 p.

**Adriano Messias**

Pós-doutorando em Tecnologias da Inteligência  
e Design Digital (PUC-SP/ Fapesp),  
pesquisador visitante na Universitat Autònoma de Barcelona, Université Paris 8,  
Université Paris 3, Universidade de Buenos Aires  
adrianoescritor@yahoo.com.br

Diz-se que o mundo se feminiliza cada vez mais, ainda que a ciência, nascida sob a *norme-mâle*, insista em excluir o feminino de seu campo universalizante. Sabe-se muito bem dos disparates interpretativos da máxima que declara que todos os “homens” são iguais perante a lei. E a História comprova o quanto o sagrado e a bruxaria acabaram por acolher o que era rechaçado pela razão científica. Claro, a singularidade do feminino não se encaixará jamais na lógica do todo — lição básica da filosofia psicanalítica. O feminino é *pas-tout*, “não-todo”. Mostra-se, assim, como uma pedra no caminho dos estudos da ciência e dos gêneros. A arte contemporânea, em grande parte, testemunha um *airdutemps* tempestuoso, entrecortado por movimentos reacionários e agressivos contra os corpos nus, contra a expressão da sexualidade, contra o desejo e contra a pulsão.

Para onde iremos?

Não se pode mais falar de pai e de mãe como há algumas décadas. Tampouco se deve entender a educação estando baseada no pedestal nada bastante das ideias cognitivistas. Há muito mais por ser considerado no abismo da singularidade de cada sujeito.

– O que acontece com o feminino no século XXI?

– “Procuremos a mulher” (alusão ao trecho do romance *Os Moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas pai).

Visito, pois, em leitura, o psicanalista catalão Miquel Bassols, que tem por tradição nos oferecer livros com questões da ultimíssima ordem do dia, sem, entretanto, cair no limbo obnubiloso das ideias prontas, das palavras-chave, das *vagues* e dos modismos. O feminino está em pauta desde Freud — mas não somente — no campo das artes, do pensamento, das práticas sociais. Hoje, presencia-se o vaguear de alguns desesperados campos do saber em torno das questões de gênero

e das conceituações complexas, a exemplo de “feminino” e “feminilidade”. Somos uma época de grandes confusões epistemológicas e ontológicas.

Bassols, porém, toma como uma das fontes primordiais de seu livro o texto de Jacques Lacan – nada fácil, nada pronto, intraduzível muitas vezes até – intitulado em nosso idioma de *Lituraterra*. De chofre, Bassols afirma, bem no início, que o feminino não é um gênero; depois, salienta que não tem localização óbvia e que não pode ser pensado como um universal.

Então, qual seria o lugar do feminino na arte e na educação, por exemplo?

Se este lugar – de eclipse – se faz, está entre o centro (simbolizado pelo falo) e a ausência (solitária) que se opera no gozo feminino, conforme enuncia o título da obra. A argúcia dos passeios teóricos de Miquel Bassols é embelezada por referências a Antígona, Medeia, Mallarmé, Agatha Christie, Borges, mas também pela aprendizagem linguística da criança autista e por alusões ao cinema. O autor conduz o leitor à constatação de que o feminino, a consciência e a linguagem são dimensões com as quais a ciência hodierna não dá conta de lidar.

E Bassols nos dá pistas eruditas. Ele sabe que não há respostas prontas, como bom pesquisador do humano. Freud anunciou a base ontofilogenética de nossa bissexualidade a partir de citações a respeito do mitológico Tirésias, sete anos transformado em mulher: não há no inconsciente qualquer representação possível da diferenciação sexual. Mais do que bissexuais, ressalta o catalão, estaríamos em uma posição *a*-sexuada (mas não “assexuada”), o que marcaria algo no mais além do falo. No caso específico do feminino, esse algo pode ser entendido como estando em um lugar que foge à noção espacial euclidiana: a “extimidade” – conceito lacaniano que ainda se mostra muito desafiador e pertinente –, bem lá onde se encontra a “exterioridade interior”.

O feminino seria, portanto, do êxtimo?

Para Bassols, o feminino (puro semblante) – que, nas gramáticas neolatinas curiosamente é regido por um artigo masculino – teria a ver com a Coisa (*das Ding*) neutra, e não com o gênero, sendo por isso, como ele afirmou, *a*-sexuado. O psicanalista alerta que existe um racismo sexista que provoca a violência contra (também) o gozo da mulher e o seu estar no mundo. Lê-se na página 72: “No hay, en realidad, pedagogía posible del goce del Otro”. Por isso, conforme segue Bassols, é impossível a redução da subjetividade a qualquer sistema cibernético ou maquinal, como desejam o cognitivismo e as neurociências tradicionais.

“Falar” e “gozar”, conforme a psicanálise entende, pertencem ao humano. Há um gozo da/ na língua – não o fosse, o neologismo lacaniano *lalangue* não teria ocupado uma posição tão importante na análise de um sujeito e na interpretação das obras de arte.

A globalização do mundo acaba por implicar na pergunta “o que é uma mulher?”: já não se encontram as mesmas identificações de antanho para com a mãe e com a maternidade. A infância e a loucura se somam aos objetos ferozmente segregados desde há muito, e, por isso mesmo, são submetidas tantas vezes a passagens ao ato.

Para o psicanalista, a violência de gênero traduz a impossibilidade de se compreender não só o gozo do Outro, como também a alteridade do gozo proporcionada pelo feminino em sua não universalidade. Nenhuma terapia cognitiva ou comportamental consegue organizar isso.

Disse pouco antes que Bassols nos conduz por pistas: uma das mais importantes reside no feminino em sua relação com o corpo e suas imagens, justo quando se mostra revelador do inconsciente para cada qual, independentemente de questões de gênero.

O inconsciente, bem pontuou Lacan, possuía um saber textual, organizado como uma linguagem. O inconsciente é sempre Outra coisa. Por isso, para ele, as mulheres só podem ser consideradas em relação ao feminino uma a uma. Também se deve a isso o fato de que não há simetria entre o feminino e o masculino, tampouco o primeiro se reduz à lógica fálica, como muitos quiseram. A metáfora maior de tudo o que Bassols propõe é a letra, capaz de expressar aquilo que não cessa de não se escrever na cadeia significante, cortando e recortando, sendo, assim, portanto, definitivamente feminina. É por isso que há um saber impossível e irrepresentável sobre o gozo.

Saber entrecortado. Além do falo. Em descontinuidade.

No claro-oscuro, o feminino (sempre singular).